

CHE GUEVARA, A REVOLUÇÃO CUBANA E O BRÁSIL

UMA VISÃO PANORÂMICA POLÍTICA E EDITORIAL

Luiz Bernardo Pericás¹

A partir do triunfo da revolução cubana, jornalistas, políticos, artistas e intelectuais brasileiros começariam a afluir à ilha, em número cada vez maior, para ver de perto os desdobramentos daquele que foi um dos eventos mais importantes da América Latina no século passado. O enorme interesse gerado pela luta guerrilheira e pelas possibilidades de mudanças, abertas com a vitória dos rebeldes, levaria muitos compatriotas a visitar o país, a se reunir com suas principais lideranças e a divulgar, em livros, artigos e congressos, os feitos dos barbudos (e, pouco tempo depois, o processo de construção do socialismo no país). No período dos anos de chumbo no Brasil, Cuba seria vista como o fanal revolucionário em todo o continente, e seu exemplo inspiraria centenas de jovens a seguir o caminho da luta armada.

Os contatos têm início já em janeiro de 1959, quando o repórter dos *Diários Associados*, Armando Gimenez, junto com colegas do Rio de Janeiro e São Paulo, visitou a ilha, participando da Operação Verdade e do Fórum de Debates sobre a Reforma Agrária, em Havana. Ele entrevistou na ocasião o “líder máximo”, e Che Guevara, e escreveu o primeiro livro de um brasileiro sobre aquele momento histórico transcendente, *Sierra Maestra: a revolução de Fidel Castro*, publicado pelas Edições Zumbi.² O sucesso foi tal que a obra esgotou rapidamente, com uma segunda tiragem saindo da gráfica na sequência. Em novembro do mesmo ano, Pedro Pomar esteve na ilha, onde permaneceu por 40 dias, tendo sido, provavelmente, o primeiro dirigente enviado pelo Partido Comunista do Brasil (PCB)³ ao país após a revolução. Ao retornar, Pomar escreveu artigos para o jornal *Novos Rumos* e participou de palestras em defesa da revolução.⁴ Antes disso, Fidel Castro já havia visitado o Brasil. Na ocasião, Carlos Marighella, outro importante líder pecebista, organizou eventos de solidariedade à Revolução cubana e delegações político-culturais foram enviadas à ilha caribenha.⁵

Daí em diante, a quantidade de concidadãos que visitaria Cuba só iria aumentar. É o caso de Jânio Quadros (então candidato à presidência da República), que no final de março de 1960 também foi a Havana, quando teve a oportunidade de conversar longamente com Fidel, com Che e outras autoridades locais.

Em dezembro, foi a vez de o intelectual pecebista Elias Chaves Neto ir àquela capital, onde cumpriu uma intensa agenda de atividades⁶, retornando ao Brasil em janeiro de 1961, mesma época em que o poeta e ensaísta Jamil Almansur Haddad andava pelo país, experiência que daria origem ao livro *Revolução cubana e revolução brasileira*⁷. Já Almir Matos, após percorrer a ilha conhecendo fábricas e cooperativas, lançou, em maio seguinte, seu livro *Cuba: a revolução na América*.⁸

Pouco depois, em 30 de dezembro, uma delegação com mais de 90 pessoas, presidida pelo historiador marxista paulista Caio Prado Júnior, chegou ao país, justo a tempo para assistir às comemorações de aniversário da revolução em 1º de janeiro de 1962. O périplo de ônibus feito pelo grupo, que incluiria cidades como Camaguey, Santiago, Santa Clara e Holguín, duraria aproximadamente cinco semanas.⁹

Outra viagem naquele ano foi realizada por Nery Machado, que escreveu em seguida o livro *Cuba, vanguarda e farol da América* (que saiu da gráfica em dezembro de 1962, mas com data de publicação de 1963), incluindo um prólogo de Gondin da Fonseca.¹⁰ Entre julho e agosto de 1962, nova comitiva foi à ilha, com a participação do então repórter do *Diário de Notícias*, Luiz Alberto Moniz Bandeira, que teve uma conversa reservada com Che Guevara

por várias horas¹¹ (naquele mesmo ano sairia pela Editora Brasiliense *Vais bem, Fidel*, de Jurema Finamour, com prefácio de Leonel Brizola).

Diversos comitês de apoio a Cuba (com participantes tão distintos como trotskistas, comunistas, petebistas, pecebistas, acadêmicos, sindicalistas e estudantes) começaram a ser constituídos no Brasil. Do Encontro Estadual dos Amigos de Cuba, realizado em julho de 1961 na sede do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, fizeram parte da Comissão Organizadora nomes como o jovem “luxemburguista” Michael Löwy, o historiador Caio Prado Júnior e o físico Mário Schenberg – estes dois últimos, militantes do PCB; do Encontro Nacional do mesmo Partido, no Sindicato dos Ferroviários da Estrada de Ferro Leopoldina, no Rio de Janeiro em 26 de março de 1963. Também houve o Congresso Continental de Solidariedade a Cuba, que ocorreu logo em seguida em Niterói, entre 28 e 30 de março, encabeçado por Luiz Gonzaga de Oliveira Leite e que teve como presidentes de honra Alexandre Barbosa Lima Sobrinho, Francisco Julião e Oscar Niemeyer, entre outros.¹² Na ocasião, Luís Carlos Prestes disse que “após a vitória da Revolução Cubana todos nós latino-americanos participamos da emulação revolucionária: todos nós desejamos ser o segundo país socialista da América. É o que nós, brasileiros, também desejamos!”¹³ O cavaleiro da esperança, naquele ano, visitaria a ilha, onde concederia uma longa entrevista ao periódico *Hoy*.¹⁴

Vale recordar que o então ministro das Indústrias de Cuba esteve brevemente no Brasil em 1961 para se reunir com o presidente Jânio Quadros, com quem conversara em Cuba. Che partiu do Uruguai, após alguns dias de acalorados debates na reunião do Conselho Interamericano Econômico e Social (Cies), um órgão da OEA, em Punta del Este, onde cumprira uma agenda cheia (naquele balneário e em Montevidéu) de discursos, reuniões políticas, coquetéis e entrevistas para a imprensa estrangeira. Antes de retornar a Havana, Guevara ainda tinha dois compromissos importantes: encontrar-se secretamente com o presidente Frondizi, na Argentina, e, em seguida, partir para o Brasil, onde seria recebido por Jânio.¹⁵ O avião da Cubana de Aviación pousou na Base Aérea de Brasília às onze e meia da noite, do dia 18 de agosto de 1961. A viagem de Guevara à capital brasileira fora decidida pouco tempo antes e era basicamente de “cortesia”. O encontro serviria, supostamente, para estreitar os laços de amizade entre os dois países. E também para discutir a situação e o destino de 168 exilados cubanos, que se encontravam na residência da Embaixada brasileira em Havana. O ato mais importante e simbólico da visita, contudo, seria a condecoração de Che com a Grã-Cruz da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul, a mais alta comenda do governo.¹⁶ Após uma reunião fechada com Jânio, no dia seguinte à sua chegada, Guevara deu uma entrevista a jornalistas e, junto com o encarregado de negócios de Cuba e

alguns membros de sua delegação, foi para um almoço com o prefeito do Distrito Federal, Paulo de Tarso, na residência oficial do Riacho Fundo. Em seguida, deu uma volta de helicóptero sobre a capital e se dirigiu para a Base Aérea. Seu avião decolou às 3 horas da tarde com destino a Havana.¹⁷

A visita de Che durou menos de 16 horas, mas deixaria suas marcas. A condecoração de Guevara foi a última solenidade de Jânio no Palácio do Planalto. Poucos dias depois, ele renunciaria. Os militares, por sua vez, depois do golpe de 1964, em outro gesto simbólico, iriam retirar aquela comenda do famoso revolucionário.¹⁸

Guevara ainda passaria pelo Brasil mais uma vez, em novembro de 1966, em trânsito por São Paulo, a caminho da Bolívia. Antes disso, houve especulações fantasiosas no país (de jornalistas e órgãos de segurança nacionais) de que o revolucionário argentino estivesse atuando por aqui. Teria sido visto em outubro de 1965 no Acre e em agosto de 1966 no município de Barracão, no Paraná! Tudo isso, como se sabe, não fazia qualquer sentido. Mas mostra a preocupação com a presença de Che que, supostamente, se encontrava, ao mesmo tempo, em várias partes do mundo naquele período. Todas as informações em relação a isso, por certo, eram falsas.¹⁹

O papel de Cuba como o grande exemplo de revolução iria se fortalecer cada vez mais no país, especialmente depois do golpe de 1964 e do endurecimento da ditadura. O caminho das armas seria a opção de diversos militantes de esquerda. Homens, como o já citado Carlos Marighella, o capitão Carlos Lamarca e tantos outros, inspirados nos exemplos de Che e de Fidel, dariam suas vidas na luta contra o autoritarismo e a ingerência imperialista nos assuntos internos nacionais. Toda uma geração de jovens intelectuais militantes iria se formar politicamente dentro da aura da primeira revolução socialista na América. Vale lembrar que um dos primeiros grupos armados a se organizar depois do golpe, a Guerrilha do Caparaó (entre 1966 e 1967), integrado por ex-militares progressistas, membros do Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR) e apoiados por Leonel Brizola, recebeu financiamento dos cubanos (o apoio de Fidel depois mudaria para a Ação Libertadora Nacional, a ALN, de Marighella).

Além do enfrentamento direto, artistas brasileiros – poetas, músicos, dramaturgos, atores, pintores e cineastas, representados por personalidades emblemáticas como Thiago de Mello, Chico Buarque, Oduvaldo Viana Filho, Gianfrancesco Guarnieri, Mário Lago, Dias Gomes, Augusto Boal, Di Cavalcanti, Vinícius de Moraes, Ruy Guerra e Glauber Rocha – expressaram apoio e admiração pela revolução cubana, através da criação de obras de profunda crítica social, por meio de declarações na imprensa, participação em atos públicos ou assinando manifestos de apoio ao regime castrista. O cantor Geraldo Vandré chegaria até mesmo a compor uma música em homenagem a Che.

É importante ressaltar que as discussões sobre Cuba naquele período eram essencialmente *políticas*, e mesmo que se soubesse dos dilemas do processo de desenvolvimento e da transição ao socialismo, as tarefas da esquerda nas décadas de 1960 e 1970 eram principalmente resistir à ditadura e lutar para retirar os generais do poder (sempre com a ideia da construção de uma sociedade mais justa e democrática no horizonte).

Houve, de fato, um esforço de editoras como a Brasiliense, Zahar, Livraria Cultura, Alfa-Omega, Vitória, Zumbi, Fulgor, Quilombo, Civilização Brasileira e Edições Populares (entre outras), para publicar textos e discursos de Che e Fidel, assim como trabalhos sobre Cuba. No caso da Brasiliense, Caio Prado Júnior chegou a ser detido em 1965, junto com seu filho Caio Graco, por publicarem livros sobre a revolução cubana. Em 14 de abril, um despacho do promotor Durval Ayrton Moura de Araújo, da 2ª Auditoria da 2ª Região Militar, solicitava a remessa dos autos sobre as atividades subversivas dos dois para a justiça comum, já que os “crimes” imputados, a seu ver, enquadravam-se no Artigo 11, Parágrafo 3, da Lei de Segurança Nacional. Afinal, ambos eram acusados de editar e distribuir *A revolução e o Estado, Discurso de 2 de janeiro de 1963 e Três declarações*, todos de Fidel Castro²⁰! O delegado-adjunto de Ordem Política, Sylvio Moraes Bartoletti, chegou a dizer, sobre pai e filho, que “não há o que duvidar, portanto, que os indiciados devidamente qualificados estão a serviço dos interesses revolucionários do comunismo internacional, embora suas atividades se encontrem revestidas de uma forma aparentemente inócua”²¹.

Outro caso interessante é o do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), fundado em fevereiro de 1962, uma cisão do PCB pró-soviético. Ainda em novembro de 1961, antes mesmo do racha, a chamada “corrente revolucionária” (de João Amazonas, Maurício Grabois e Pedro Pomar) fundou a Edições Futuro. Seu título inaugural, *A guerra de guerrilhas*, de Che Guevara, foi traduzido pelo próprio Grabois, diretamente da edição preparada em Havana pelo Departamento de Instrução do Ministerio de las Fuerzas Armadas Revolucionarias (Minfar), com ilustrações do tenente do exército rebelde de Cuba, Hernando López²². Esta foi a primeira obra do comandante publicada no Brasil, com mais de 10 mil exemplares vendidos em poucos meses. De acordo com o historiador Augusto Buonicore, o livro de Che foi censurado e recolhido por ordem do ministro da Justiça de Jango, o mesmo tendo ocorrido na Guanabara, governada na época por Carlos Lacerda. Neste caso, a sede da editora foi invadida pela polícia, que apreendeu todos os exemplares do estoque²³.

Em seguida, a Edições Futuro ofereceu ao público *De Moncada à ONU* (uma coletânea de textos de Fidel Castro), obra que continha “A história me absolverá”, um discurso feito na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), e a “II Declaração de Havana”. Em julho daquele ano, por sua

vez, João Amazonas proferiria a palestra “A Revolução Cubana e o futuro das Américas”, na sede do Partido Socialista Brasileiro, momento em que se estruturou um comitê provisório de solidariedade a Cuba²⁴.

Buonicoire ainda nos informa que o órgão do partido, *A Classe Operária*, em sua primeira edição, fez chegar aos leitores o texto de Fidel Castro, “Cuba socialista”, além de “Os povos oprimidos lutam pela paz combatendo por sua independência” (discurso pronunciado quando do recebimento do Prêmio Lênin da Paz). Em junho viria à luz “A América Latina é um vulcão”, de Che Guevara (os próprios dirigentes do PCdoB também dariam sua contribuição em diferentes textos sobre a ilha).²⁵

A revolução cubana e as ideias de Che, nesse sentido, foram extremamente influentes em organizações como a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), o Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8) e a ALN, só para citar algumas.

O PCB, por outro lado, se posicionava contra a luta armada. No VI Congresso do partido (dezembro de 1967), a agremiação declarava, em sua resolução política, que a principal tarefa tática naquele momento era a mobilização, união e organização da classe operária e “demais forças patrióticas” para lutar contra a ditadura e pela conquista de liberdades democráticas. No documento, o PCB defendia a criação de uma frente única de todos os opositores do regime para destruir os “dois obstáculos históricos” que travavam o progresso nacional, o domínio imperialista e o monopólio da terra; acabariam, nesse processo, com a “burguesia entreguista” como força social. Afirmava o texto:

A vitória da revolução nacional e democrática assegurará a completa libertação econômica e política do país da dependência ao imperialismo e a transformação radical da estrutura agrária, com a eliminação do monopólio da propriedade da terra e das relações pré-capitalistas de produção [...]. Através desse caminho de desenvolvimento serão criadas as condições materiais para o desenvolvimento socialista da sociedade brasileira [...]. Mesmo não liquidando a exploração dos operários pela burguesia, a revolução nacional e democrática abre caminho para a vitória do socialismo.²⁶

Além disso, o documento se colocava claramente contra a luta armada:

O grupo que procurava cindir o partido, mudar sua linha e adotar orientação aventureira e esquerdista, não faz mais do que opor-se a esse avanço histórico do nosso Partido e servir de instrumento das mesmas concepções atrasadas e estranhas ao marxismo, que tanto mal nos causaram no passado, quando não são instrumentos de forças que, na esfera nacional e internacional, laboram

conscientemente para destruir o partido e para impor ao proletariado uma direção política alheia à sua doutrina e à sua organização de classe. Defende uma política que dispensa a consideração das condições objetivas, ou que supõe existir na realidade, já pronta ou iminente, uma situação revolucionária que apenas existe nas suas cabeças. Tal grupo quer reviver, com roupas novas de guerrilha, a concepção de revolução feita a partir de focos insurreccionais aventureiros, desligados do movimento real de massas. Quer substituir o partido marxista-leninista por um agrupamento militarizado de revolucionários, obedientes à sapiência e ao gênio de caudilhos. Quer, enfim, restaurar e consagrar, sob suas formas mais grosseiras, as mesmas concepções pequeno-burguesas, aventureiras, a que nos filiamos no passado, e com prejuízos pesados demais, para esquecer seu erro de origem. A alternativa que propõem é, exatamente, aquela orientação criminosamente errada que predominou no partido em épocas recentes, e se tornou responsável pelo florescimento e a persistência de todas essas mazelas entre nós. Queremos mudar exatamente a orientação que permitiu o combate a elas, que infundiam motivação, ímpeto e vigor revolucionário aos militantes comunistas, individualmente e ao partido. Irão sozinhos a esse atoleiro os que insistem em arrastar para ele o partido. Ficarão à margem do movimento comunista, na companhia incômoda e solitária de outros desertores e expurgados do partido. Nosso partido, fiel aos princípios do marxismo-leninismo, permanece junto às massas, à frente delas, mobilizando-as, organizando-as, educando-as.²⁷

É certo que um grupo mais restrito de economistas e intelectuais pudessem estar a par das especificidades dos projetos econômicos do chamado “bloco comunista”. A *Revista Brasiliense* (RB), encabeçada por Caio Prado Júnior, e a *Civilização Brasileira*, editada por Ênio Silveira, por exemplo, publicaram textos de autores renomados sobre os casos da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), China, Cuba e Europa Oriental. Na RB, especificamente sobre a ilha, Elias Chaves Neto produziu “Cuba”, “Cuba e a América Latina”, “A Revolução Cubana”, “Cuba, no III aniversário da vitória da revolução”, “A beira do abismo” e “Paz para Cuba”²⁸; Álvaro de Faria publicou “A Revolução Cubana no seu 2º aniversário”²⁹, e um manifesto de intelectuais cubanos também foi publicado na revista³⁰. Dácio de Arruda Campos deu sua contribuição com “Cuba e o princípio da soberania”³¹, Hélio Dutra enviou “Uma carta de Cuba”³², Jamir Almansur Haddad colaborou com “Romanceiro cubano” e “Guillén no Brasil”³³ e Luiz Izrael Febrot, com “Cuba, ano 4 (impressões de viagem e anotações de leitura)”³⁴.

Por sua vez, livros de Nestor de Holanda, Silveira Bueno, Jacob Bazarrian, Leôncio Basbaum e Caio Prado Júnior tentaram mostrar aspectos favo-

ráveis (e, em certos casos, negativos) daquelas experiências. A economia e a política eram entremeadas, muitas vezes, a partir de uma perspectiva de viajante: ou seja, aqueles eram trabalhos, em grande medida, de divulgação, escritos a partir do ponto de vista de militantes comunistas e socialistas (ou mesmo de ex-ativistas), de escopo amplo e genérico, com forte carga emocional e ideológica, ainda que muito interessantes e instrutivos, especialmente se considerarmos que havia um público ávido por informações sobre uma parte do mundo que não conheciam. Ainda assim, tanto o debate econômico em Cuba como aquele que ocorria no resto do mundo socialista (ainda que fossem conhecidos no Brasil) foram vistos como marginais (ou, pelo menos, secundários) se comparados com as necessidades mais prementes dos militantes da época.

No caso de Cuba, fizeram sucesso reportagens como *Querida ilha*,³⁵ de Hélio Dutra, *Cuba hoje: 20 anos de revolução*,³⁶ de Jorge Escosteguy, *Cuba de Fidel: viagem à ilha proibida*,³⁷ de Ignácio de Loyola Brandão, *Suor e alegria: os trabalhadores em Cuba*,³⁸ do ex-deputado federal cassado Márcio Moreira Alves (editado originalmente pela Seara Nova, de Portugal, quando o autor encontrava-se no exílio) e *Cuba: anotações sobre uma revolução*,³⁹ de Eric Nepomuceno, assim como os *best-sellers* absolutos *A ilha*,⁴⁰ de Fernando Morais e a entrevista *Fidel e a religião*,⁴¹ realizada por Frei Betto que, por sugestão e encomenda do editor Caio Graco Prado, da Brasiliense, colheria um depoimento histórico de Castro sobre o assunto⁴² (isso para não falar dos muitos títulos estrangeiros traduzidos para o português, de autores tão diversos como Paul Sweezy, Leo Huberman, Paul Baran, Jean-Paul Sartre, C. Wright Mills, Carlos Franqui e Theodore Draper, entre outros).

Mais importantes que esses, talvez, tenham sido obras pioneiras, de maior densidade teórica, como *O pensamento de Che Guevara*⁴³, do brasileiro (radicado na França desde 1969) Michael Löwy, que pode ser considerado o primeiro esforço sério para se sistematizar o ideário político, econômico e filosófico do guerrilheiro heróico, *A revolução cubana: uma reinterpretação*, de Vânia Bambirra, *Da guerrilha ao socialismo: a revolução cubana*⁴⁴, de Florestan Fernandes e, finalmente, o calhamaço com enfoque essencialmente político e diplomático *De Martí a Fidel: a revolução cubana e a América Latina*⁴⁵, de Moniz Bandeira.

Depois da queda do muro de Berlim, poucos personagens do mundo socialista permaneceram no imaginário social como Che, motivando ainda inúmeras publicações, além da produção de toda sorte de artefatos. Fotos de velhos burocratas com Brezhnev, Gomulka e Ceausescu não estampam camisas de jovens nem inspiram as novas gerações. Já Che Guevara é sempre colocado na mais alta estima pelos trabalhadores e lutadores sociais da atua-

lidade. Mas a forma como ele foi visto no Brasil e no mundo variou bastante. Vale lembrar um comentário interessante feito pelo cantor e compositor norte-americano Phil Ochs, anos antes. Ele dizia que “se há alguma esperança para a América [Estados Unidos], ela reside numa revolução; e se há qualquer esperança de uma revolução na América [Estados Unidos], ela reside em fazer com que Elvis Presley se torne Che Guevara” [tradução livre]⁴⁶. O trecho é interessante e provocador. O resultado, contudo, parece ter sido o inverso. Ou seja, neste caso, Che Guevara se tornou Elvis Presley. Em grande medida, muito do estofamento político de Guevara foi esvaziado e seu legado “comercializado”, “glamourizado”, “hollywoodizado”. O retrato de Che foi usado em desfiles de moda, pôsteres com seu rosto (principalmente a famosa foto de Alberto Korda) foram vendidos ao redor do globo, filmes, calendários, livros sensacionalistas, cartões postais, boinas, bonecos e todo tipo de memorabilia se espalharam pelo planeta.

No Brasil, não seria diferente. Não só a imagem dele se tornou um produto rentável, mas com o avanço crescente de setores reacionários, sua vida e obra vêm sendo, paradoxalmente, atacadas e vilipendiadas de maneira bastante agressiva em algumas revistas e jornais. Desde 1997, quando se completam 30 anos do assassinato de Guevara em La Higuera (Bolívia), as biografias prevaleceram no mercado editorial nacional (em certos casos, escritas por jornalistas ou por politólogos conservadores), como as de Jorge Castañeda e Jon Lee Anderson, por exemplo.⁴⁷

Ainda assim, os partidos de esquerda e movimentos sociais continuam a honrar a memória do revolucionário, através de publicação de material didático e realização de conferências sobre seu legado. O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é um caso emblemático: o retrato de Che encontra-se em diversos pontos da Escola Nacional Florestan Fernandes, e seu nome é constantemente evocado em reuniões e apresentações artísticas, bem como são ministrados cursos sobre ele⁴⁸. A Editora Expressão Popular, ligada ao movimento, publica livros sobre o comandante, que são vendidos a preços populares⁴⁹.

Che resistiu quase incólume à onda de ataques ao socialismo nas décadas recentes. O caráter quase mítico (e “místico”) do herói que vai para o sacrifício em nome de uma causa é, talvez, um dos motivos desta força cultural. Guevara não é visto, necessariamente, como um grande teórico, como Lenin, Trotsky, Lukács, Gramsci e Mariátegui, mas permanece como exemplo para uma parte significativa da juventude. O que fica de Che, em boa medida, é seu humanismo proletário, seu anti-imperialismo, sua rebeldia, sua luta pela construção do “homem novo”, seu terceiro-mundismo, seu latino-americanismo, sua ética revolucionária e seu comprometimento com as causas sociais.

O delicado e perigoso momento político em que vivemos, com o avanço de setores radicais ligados a grupos conservadores (como as bancadas: evangélica, da bala e do agronegócio), apoiados por grandes grupos financeiros nacionais e estrangeiros e por latifundiários, defendendo políticas retrógradas e preconceituosas e levando adiante um golpe institucional, tornam ainda mais forte e presente a imagem do comandante Guevara e seu combate contra todo tipo de arbitrariedades, injustiças e autoritarismo. Como se vê, a disputa política e ideológica no país é intensa e o legado da Revolução cubana permanece vivo, inspirando e estimulando a todos aqueles que lutam por um mundo melhor.

RESUMO

Este artigo discute a influência de Che Guevara e da Revolução cubana no meio político, artístico e intelectual brasileiro, apresentando uma visão panorâmica da produção editorial sobre a ilha, da atuação de militantes, jornalistas, escritores e acadêmicos inspirados por aquele evento transcendente e os desdobramentos do pensamento guevariano na atualidade.

PALAVRAS-CHAVE

Revolução cubana; Che Guevara; Brasil; socialismo; marxismo.

Che Guevara, the Cuban Revolution, and Brazil

ABSTRACT

This article discusses the influence of the Cuban Revolution and Che Guevara amongst the Brazilian political, artistic and intellectual milieu. It presents a panoramic view of the editorial production in Brazil about the island, the actions of militants, journalists, writers and academics that were inspired by that revolution as well as the unfolding of Guevara's ideas up to the present time.

KEYWORDS

Cuban Revolution; Che Guevara; Brazil; Socialism; Marxism.

NOTAS

1. Professor de História Contemporânea da USP, autor de *Che Guevara y el debate económico en Cuba* (Havana, Fondo Editorial Casa de las Américas, 2014) e *Caio Prado Júnior: uma biografia política*, (São Paulo: Boitempo, 2016), entre vários outros. Contato: lbpericas@hotmail.com

2. Ver GIMENEZ, Armando. *Sierra Maestra: a revolução de Fidel Castro*. São Paulo: Zumbi, 1959.

3. Pouco tempo depois, a agremiação (mantendo a sigla original) mudaria o nome para Partido Comunista Brasileiro.
4. Ver POMAR, Wladimir. *Pedro Pomar: uma vida em vermelho*. São Paulo: Xamã, p. 233.
5. Ver MAGALHÃES, Mário. *Marighella, o guerrilheiro que incendiou o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 251, 269 e 270.
6. Ver CHAVES NETO, Elias, *Minha vida e as lutas de meu tempo*, p. 154-159.
7. Ver HADDAD, Jamil Almansur. *Revolução cubana e revolução brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.
8. Ver MATOS, Almir. *Cuba: a revolução na América*. Rio de Janeiro: Vitória, 1961.
9. Ver PERICÁS, Luiz Bernardo. *Caio Prado Júnior: uma biografia política*. São Paulo: Boitempo, 2016.
10. Ver MACHADO, Nery. *Cuba, vanguarda e farol da América*. São Paulo: Fulgor, 1963.
11. Depoimento de Luiz Alberto Moniz Bandeira a Luiz Bernardo Pericás, janeiro de 2011.
12. Secretaria de Segurança Pública, Dependência Serviço de Informação, Dops, 28 de julho de 1970, arquivo pessoal de Danda Prado; ver também *Anais do Congresso Continental de Solidariedade a Cuba*, Niterói, 28 a 30 de março de 1963.
13. Ver *Anais do Congresso Continental de Solidariedade a Cuba*, Op. Cit., p. 101.
14. Depoimento de Augusto Buonicore em correspondência com Luiz Bernardo Pericás, julho de 2014.
15. Ver PERICÁS, Luiz Bernardo. Condecorando Che, *Revista de História da Biblioteca Nacional*, ano 3, n. 33, junho de 2008, p. 67; ————. “O encontro de Che Guevara e Jânio Quadros”, *Quaderni della Fondazione Ernesto Che Guevara*, Bolsena, n. 7, 2007-2008, p. 93-4; BARBOSA, Carlos Alberto Leite. *Desafio inacabado, a política externa de Jânio Quadros* (São Paulo, Atheneu, 2007); e depoimento de Luiz Alberto Moniz Bandeira a Luiz Bernardo Pericás, janeiro de 2011.
16. Ibidem.
17. Ibidem.
18. Ibidem.
19. Ver PERICÁS, Luiz Bernardo. *Che Guevara e a luta revolucionária na Bolívia*. São Paulo: Xamã, 2008, 2ª edição, p. 63.
20. CASTRO, Fidel. *A revolução e o Estado*. São Paulo: Brasiliense, 1963, *Discurso de 2 de janeiro de 1963*. São Paulo: Brasiliense, 1963, *Três declarações fazem história*. São Paulo: Brasiliense, 1962; ver “Subversão ainda persiste nas faculdades, afirma promotor”, *O Estado de S. Paulo*, 15 de abril de 1965, p. 15.

21. Relatório do delegado-adjunto de Ordem Política Sylvio Moraes Bartoletti, s. d.
22. Ver GUEVARA, Ernesto *Che. A guerra de guerrilhas*. Rio de Janeiro: Edições Futuro, 1961.
23. Ver BUONICORE, Augusto. *Che, Cuba e a reorganização do PCdoB*. In: <http://www.vermelho.org.br/coluna.php?id_coluna_texto=1071&id_coluna=10>.
24. *Ibidem*.
25. Por exemplo, Amazonas escreveu os artigos “A verdade sobre Cuba” e “Uma perspectiva nova”, Grabois preparou “Crise cubana e a paz”, Arroyo, “Todo apoio ao povo cubano” e Lincoln Oest, os textos “II Declaração de Havana e as nossas responsabilidades” e “Histórico Triunfo para a América Latina”. *Ibidem*.
26. Ver “Resolução política do VI Congresso”. In: SEGATTO, José Antonio. *Breve história do PCB*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1989, p. 119.
27. Ver MORAES, Dênis de; e VIANA, Francisco. *Prestes, lutas e autocríticas*. Rio de Janeiro: Mauad, 1997, p. 235-236.
28. CHAVES NETO, Elias. Cuba. *Revista Brasiliense*, n. 30, julho-agosto de 1960, p. 1-9; _____, Cuba e a América Latina. *Revista Brasiliense*, n. 32, novembro-dezembro de 1960, p. 49-58; _____, A revolução cubana. *Revista Brasiliense*, n. 34, março-abril de 1961, p. 84-95; _____, Cuba, no III aniversário da vitória da revolução. *Revista Brasiliense*, n. 39, janeiro-fevereiro de 1962, p. 37-43; _____, A beira do abismo. *Revista Brasiliense*, n. 44, novembro-dezembro de 1962, p. 15-20; _____, Paz para Cuba. *Revista Brasiliense*, n. 45, janeiro-fevereiro de 1963, p. 1-6.
29. FARIA, Álvaro de. A revolução cubana no seu 2º aniversário. *Revista Brasiliense*, n. 33, janeiro-fevereiro de 1961, p. 82-84.
30. Ver Os intelectuais cubanos unidos na obra da cultura do serviço do povo e da revolução. *Revista Brasiliense*, n. 34, março-abril de 1961, p. 96-98.
31. CAMPOS, Dácio de Arruda. Cuba e o princípio da soberania. *Revista Brasiliense*, n. 36, julho-agosto de 1961, p. 94-99.
32. DUTRA, Hélio. Uma carta de Cuba. *Revista Brasiliense*, n. 38, novembro-dezembro de 1961, p. 70-76.
33. HADDAD, Jamil Almansur. Romanceiro cubano. *Revista Brasiliense*, n. 30, julho-agosto de 1960, p. 13; *Idem*, Guillén no Brasil. *Revista Brasiliense*, n. 38, novembro-dezembro de 1961, p. 77.
34. FEBROT, Luiz Izrael., Cuba, ano 4 (impressões de viagem e anotações de leitura). *Revista Brasiliense*, n. 43, setembro-outubro de 1962, p. 62-95.
35. Ver DUTRA, Hélio. *Querida ilha*. São Paulo: Edições Mandacaru, 1988.
36. Ver ESCOSTEGUY, Jorge. *Cuba hoje: 20 anos de revolução*. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1978.
37. Ver BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *Cuba de Fidel: viagem à ilha proibida*. São Paulo: Livraria Cultura Editora, 1978.

38. Ver ALVES, Márcio Moreira. *Suor e alegria: os trabalhadores em Cuba*. Lisboa: Seara Nova, 1975.
39. Ver NEPOMUCENO, Eric. *Cuba: anotações sobre uma revolução*. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1981.
40. Ver MORAIS, Fernando. *A ilha*. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1976.
41. Ver BETTO, Frei. *Fidel e a religião*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
42. Ver “Caio Graco Prado, director de la Editora Brasiliense, editor del libro Fidel y la religión”, *Casa de las Américas*, Havana, 19 fev. 1986; e BETTO, Frei. *Op. Cit.*, p. 20-21.
43. Ver LÖWY, Michael. *La pensée de Che Guevara*. Paris: Librairie François Maspero, 1970.
44. Ver FERNANDES, Florestan. *Da guerrilha ao socialismo: a revolução cubana*. São Paulo: TAQ, 1979.
45. Ver BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *De Martí a Fidel: a revolução cubana e a América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
46. Ver ELIOT, Marc. *Phil Ochs: Death of a Rebel*. Nova Iorque: Omnibus Press, 1990; e SCHUMACHER, Michael. *There But For Fortune: The Life of Phil Ochs*. Nova Iorque: Hyperion, 1996. No original: “if there’s any hope for America, it lies in a revolution, and if there’s any hope for a revolution in America, it lies in getting Elvis Presley to become Che Guevara”.
47. Ver CASTAÑEDA, Jorge G.. *Che Guevara: a vida em vermelho*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997; e ANDERSON, Jon Lee. *Che Guevara: uma biografia*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1997.
48. Ver, por exemplo, Escola Nacional Florestan Fernandes. *Cadernos de estudos ENFF, O legado de Che Guevara*. Guararema: Escola Nacional Florestan Fernandes, 2007.
49. Ver TAIBO II, Paco Ignácio. *Ernesto Guevara, também conhecido como Che*. São Paulo: Expressão Popular, 2008; e LÖWY, Michael. *O pensamento de Che Guevara*. São Paulo: Expressão Popular, 1999.